



GOVERNO DO ESTADO  
RIO GRANDE DO SUL

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO  
SUBSECRETARIA DE PLANEJAMENTO  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA

# **BOLETIM DE CONJUNTURA DO RIO GRANDE DO SUL**

V. 6 N. 3

**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**

Governador: Eduardo Leite

Vice-Governador: Gabriel Vieira de Souza

**SECRETARIA DE PLANEJAMENTO, GOVERNANÇA E GESTÃO**

Secretário: Danielle Calazans

Secretário Adjunto: Bruno Silveira

Subsecretária de Planejamento: Carolina Mór Scarparo

**DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA**

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Divisão de Análise Econômica: Martinho Roberto Lazzari

# BOLETIM DE CONJUNTURA DO RIO GRANDE DO SUL

V. 6 N. 3, outubro 2024

Porto Alegre, RS

Bol. Conj. RS	Porto Alegre	v. 6	n. 3	p. 1-19	out. 2024
---------------	--------------	------	------	---------	-----------

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

<https://dee.rs.gov.br/boletim-conjuntura>

Departamento de Economia e Estatística (DEE-SPGG)

Av. Borges de Medeiros, 1501 - 20.º andar

Porto Alegre - RS - 90119-900

Fone: (51) 3288-1196

*E-mail:* [dee@planejamento.rs.gov.br](mailto:dee@planejamento.rs.gov.br)

*Homepage:* <https://dee.rs.gov.br/inicial>

Diretor: Pedro Tonon Zuanazzi

Chefe da Divisão de Análise Econômica: Martinho Roberto Lazzari

Equipe Técnica: Martinho Roberto Lazzari e Tomás Amaral Torezani

Revisão de Língua Portuguesa: Susana Kerschner

Projeto Gráfico: Vinicius Ximendes Lopes

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Boletim de conjuntura do Rio Grande do Sul / Secretaria de Planejamento,  
Governança e Gestão, Departamento de Economia e Estatística – V. 1, n.  
1, (2019)- . – Porto Alegre: Secretaria de Planejamento, Governança e  
Gestão, 2019- .  
v. : il.

Trimestral.

1. Condições econômicas. 2. Economia Internacional. 3. Economia –  
Brasil. 4. Economia – Rio Grande do Sul. I. Rio Grande do Sul. Secretaria de  
Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e  
Estatística.

CDU 338.1

Bibliotecário responsável: João Vítor Ditter Wallauer – CRB 10/2016

Publicação periódica trimestral que apresenta uma análise detalhada do desempenho da economia gaúcha no contexto dos mercados nacional e internacional.

# SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO EXECUTIVO</b>	4
<b>1 CENÁRIO EXTERNO</b>	5
<b>2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL</b>	7
2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA .....	7
2.2 INFLAÇÃO, JUROS E CONTAS PÚBLICAS .....	9
2.3 EXPECTATIVAS DE CRESCIMENTO .....	10
<b>3 CENÁRIO INTERNO — RS</b>	10
3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA .....	10
3.2 SETOR EXTERNO .....	13
3.3 MERCADO DE TRABALHO .....	13
3.4 ARRECADAÇÃO DE ICMS .....	15
3.5 PERSPECTIVAS .....	15
<b>PRINCIPAIS INDICADORES MENS AIS</b>	17
<b>REFERÊNCIAS</b>	18

## SUMÁRIO EXECUTIVO

Do segundo para o terceiro trimestre do ano, os dados econômicos do Estado indicaram uma retomada da economia gaúcha após os impactos mais intensos do desastre climático de maio. Inicialmente, os resultados do Produto Interno Bruto (PIB) trimestral do 2.º trim./2024 mostraram que a queda do PIB estadual foi menor do que a esperada. Em seguida, os dados mensais confirmaram a recuperação da produção, embora de maneira desigual entre as atividades. Um dos principais fatores para essa retomada foi o aumento do consumo, impulsionado tanto pelas transferências de recursos públicos às famílias afetadas quanto pelo bom desempenho da economia nacional, que cresceu acima do previsto no segundo trimestre.

No cenário externo, as principais economias mundiais mantiveram desempenhos heterogêneos no segundo trimestre do ano. A economia do Estados Unidos acelerou no período, refletindo aumento no investimento e no consumo. Já a Área do Euro e a China apresentaram taxas de crescimento do PIB menores nesse trimestre; no primeiro caso, em função da retração do investimento, e, no segundo, em razão do fraco consumo das famílias. A Argentina, um dos mais relevantes parceiros comerciais do Rio Grande do Sul, registrou o terceiro resultado negativo consecutivo, com retrações em todos os componentes da demanda, com exceção das exportações. A inflação continuou a arrefecer na maioria das economias, em parte devido à queda dos preços das *commodities*. O comércio global de bens e serviços continua melhorando, apoiado em um maior dinamismo comercial das principais economias emergentes e dos Estados Unidos. Para o ano, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) espera um crescimento de 3,2% para o PIB global.

Impulsionada pela demanda doméstica, a economia brasileira apresentou crescimento de 1,4% no segundo trimestre do ano, na comparação com o trimestre imediatamente anterior, e de 3,3% em relação ao mesmo período de 2023. Pela ótica da demanda, nas duas comparações, as maiores altas foram verificadas na Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) e no consumo das famílias, neste último caso estimulado por transferências de renda e por um mercado de trabalho aquecido. A inflação apresentou alta de 4,42% nos 12 meses terminados em setembro, ficando pouco abaixo do teto da meta. Na última reunião do Comitê de Política

Monetária (Copom) do Banco Central do Brasil (BCB), avaliou-se que os riscos de alta da inflação são predominantes, levando ao aumento da taxa básica de juros para 10,75% ao ano. Pelo lado das contas públicas, houve leve melhora no resultado primário dos últimos meses, resultado de um crescimento maior das receitas relativamente às despesas. As projeções de crescimento do PIB para 2024 melhoraram, apontando para um aumento entre 3,0% e 3,3%, dependendo da fonte.

A divulgação dos dados do PIB do Rio Grande do Sul do segundo trimestre do ano resumiu o impacto de curto prazo do desastre climático sobre a produção. E, embora a economia gaúcha tenha recuado em relação ao trimestre anterior, a queda não foi tão pronunciada quanto se projetava nas primeiras semanas de maio. O recuo de 0,3% na margem teve contribuição decisiva da indústria, que caiu 2,4%, ao passo que os serviços apresentaram estabilidade na prática (0,1%). O destaque positivo foi o crescimento da agropecuária, com expansão de 5,3%, o que ajudou, sobremaneira, a evitar uma queda maior do PIB no período. Em relação ao mesmo trimestre de 2023, o indicador apresentou aumento de 4,6%, novamente impulsionado pela agropecuária e sua recuperação em relação à safra passada.

A análise de dados mensais permite a observação de um processo de retomada da economia gaúcha após o momento mais agudo dos impactos das enchentes sobre a produção. Embora ainda de forma heterogênea, as atividades produtivas têm apresentado uma evolução positiva nos últimos meses, principalmente o comércio, que se beneficiou do aumento do consumo ocasionado pelas transferências de recursos públicos às famílias atingidas. Já os serviços têm apresentado a recuperação mais lenta, enquanto a indústria de transformação oscilou negativamente, após uma recuperação plena no nível de produção.

De janeiro a setembro, o valor das exportações do Estado alcançou US\$ 15,350 bilhões, uma queda de 6,92% na comparação com o mesmo período de 2023. Setorialmente, houve redução dos valores da agropecuária e da indústria.

No mercado de trabalho, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), o número de ocupados do segundo trimestre do ano (5 milhões e 862 mil pessoas) apresentou estabilidade em relação ao trimestre anterior e ao mesmo de 2023, da mesma forma que a taxa de desocupação, que atingiu 5,9% na média de abril a junho.

Por outro lado, a massa salarial teve expansão, resultado do incremento do rendimento médio dos ocupados. No mercado formal, cuja fonte dos dados é o Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged), os meses de julho e agosto mostraram uma retomada da criação de empregos no Estado, após os dois meses anteriores terem sido marcados por saldos negativos entre admitidos e desligados.

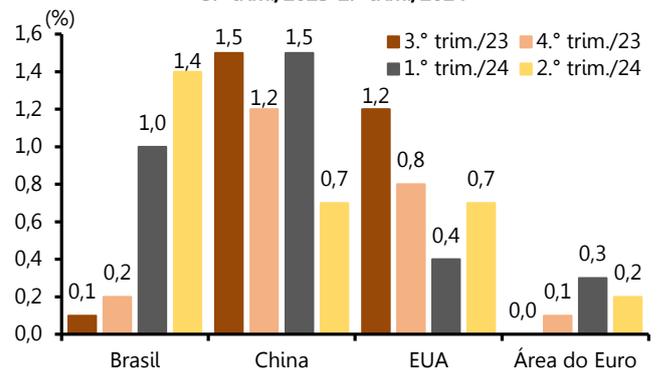
A arrecadação de Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) apresentou bons resultados nos meses de julho, agosto e setembro, quando cresceu 16,2% na comparação com o mesmos meses de 2023. No acumulado do ano, mesmo com as perdas ocorridas em maio e junho, o valor arrecadado é 9,2% superior ao ano anterior.

Embora de forma distinta entre as atividades, a retomada da economia gaúcha tem acontecido nos últimos meses. Para o período à frente, há boas perspectivas no comércio e nos serviços, que deverão ter impulso a partir da volta da operação do aeroporto de Porto Alegre. Na indústria de transformação, ainda permanece um quadro de maior incerteza, embora dados de setembro da Secretaria da Fazenda do RS mostrem um crescimento da movimentação econômica do setor. Na agropecuária, a boa notícia é a significativa alta da produção de trigo, projetada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 66,7% sobre 2023. No PIB, o carregamento estatístico do primeiro semestre indica que, mesmo permanecendo estável nos dois últimos trimestres do ano, a economia gaúcha crescerá 4,5% em 2024.

## 1 CENÁRIO EXTERNO

No 2.º trim./2024, na comparação na margem, as principais economias mundiais continuaram a registrar desempenhos heterogêneos em termos de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), com aceleração nos Estados Unidos e desacelerações na Área do Euro e na China (**Gráfico 1.1**).

**Gráfico 1.1 - Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) trimestral de economias selecionadas — 3.º trim./2023-2.º trim./2024**



Fonte: OECD (2024b).

Nota: Taxas em relação ao trimestre anterior. Séries com ajuste sazonal.

No caso dos Estados Unidos, seu produto voltou a acelerar após dois trimestres consecutivos de desaceleração. O crescimento de 0,7% refletiu, principalmente, uma retomada no investimento em estoque privado e uma aceleração nos gastos do consumidor, sendo parcialmente compensada por uma queda no investimento fixo residencial.

Já a Área do Euro registrou ligeira desaceleração de 0,2%, após duas modestas acelerações. O resultado do segundo trimestre foi explicado, sobretudo, pelo crescimento das exportações líquidas e do consumo do Governo, sendo parcialmente compensado pela retração da Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF). As principais economias europeias também registraram desaceleração (França e Itália, de 0,3% para 0,2%), enquanto a Alemanha viu sua economia encolher 0,1%.

Por sua vez, a economia chinesa desacelerou no 2.º trim./2024, após uma aceleração no trimestre anterior, e registrou o pior ritmo de crescimento em cinco trimestres, de 0,7%. Os principais obstáculos na China continuam sendo o setor imobiliário e o fraco consumo das famílias, além dos efeitos adversos de enchentes ao longo do trimestre.

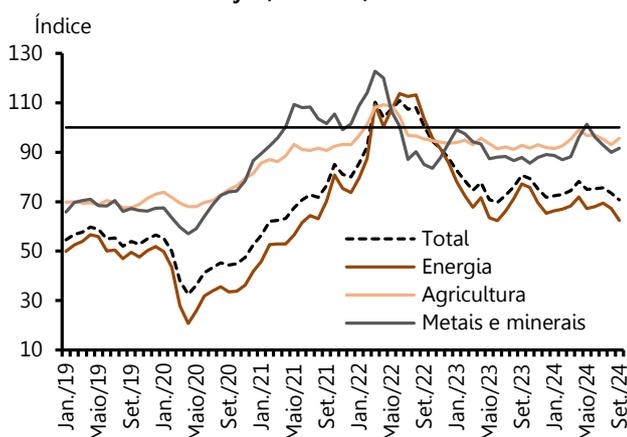
Por outro lado, a Argentina, importante parceiro comercial do Rio Grande do Sul, registrou o terceiro resultado negativo consecutivo no trimestre (-2,3% no

4.º trim./2023, -2,2% no 1.º trim./2024 e -1,7% no 2.º trim./2024), com retrações em todos os componentes da demanda, com exceção das exportações.

De forma geral, a economia global permaneceu resiliente no primeiro semestre de 2024, com aumento dos gastos das famílias e da confiança do consumidor, recuperação do comércio global de bens e serviços e reduções da inflação e das pressões no mercado de trabalho. Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), os indicadores de atividade de alta frequência sugerem um momento de crescimento estável para a maioria das economias, com atividade mais forte no setor de serviços do que na indústria.

O núcleo da inflação continua a arrefecer na maioria das economias, em parte devido a novos declínios dos preços dos alimentos, energia e bens, com a inflação dos serviços mostrando-se particularmente rígida. Assim, a inflação começa a retornar às metas dos bancos centrais em algumas economias, em especial nas economias avançadas, embora as condições financeiras globais permaneçam restritivas. Como pode ser observado no **Gráfico 1.2**, os preços das *commodities*, em especial da energia, vem andando de lado ao longo de 2024, com uma queda na margem. No 3.º trim./2024, em relação ao trimestre anterior, a retração do índice composto das *commodities* (e de energia) foi de 3,8%, com destaque para as de metais e minerais, com queda de 6,5%, enquanto as agrícolas recuaram 3,0%.

**Gráfico 1.2 - Índice de preço de grupos de *commodities* — jan./2019-set./2024**

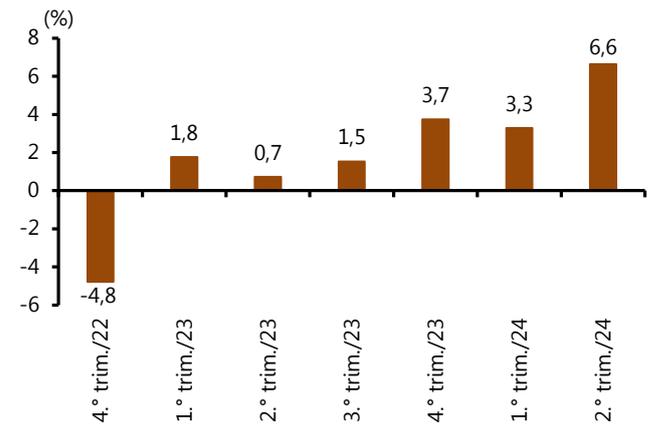


Fonte: Banco Mundial (World Bank, 2024).  
Nota: Os índices (US\$ nominal) têm como base o ano de 2022.

O comércio global de bens e serviços continua em seu ritmo de fortalecimento em 2024, com um crescimento importante no segundo trimestre (**Gráfico 1.3**),

decorrente da retomada no crescimento das importações dos Estados Unidos e de um maior dinamismo comercial das principais economias emergentes. Os indicadores de atividade mensal também apontam para elevações dos volumes globais de comércio de contêineres, de frete aéreo e de passageiros internacionais, especialmente até julho.

**Gráfico 1.3 - Crescimento trimestral anualizado do volume global de bens e serviços no mundo — 4.º trim./2022-2.º trim./2024**



Fonte: OECD (2024a).

De acordo com a OCDE, é esperado um crescimento global de 3,2% em 2024 e 2025 (**Tabela 1.1**), em linha com o ritmo médio observado no primeiro semestre deste ano. Alguns fatores que sustentam essas projeções são a moderação do impacto defasado do aperto da política monetária nas economias avançadas sobre o crescimento; as políticas monetárias menos restritivas, embora com taxas de juros ainda elevadas; e a melhoria da renda real e do consumo das famílias em muitas economias decorrentes do processo desinflacionário. Entretanto, existem certos riscos que podem afetar negativamente as perspectivas para a economia global, entre os quais: incertezas sobre os conflitos geopolíticos em andamento; tensões comerciais persistentes; ritmo mais lento do processo desinflacionário; possíveis novas fontes de inflação; impacto persistente de taxas de juros reais ainda altas; correções disruptivas nos mercados financeiros em um ambiente de alta dívida; crescimento menos pronunciado que o esperado nos Estados Unidos e de maior desaceleração econômica na China.

**Tabela 1.1 - Crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) projetado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico — 2023-2025**

DISCRIMINAÇÃO	2023	2024	2025
<b>Mundo</b> .....	3,1	3,2	3,2
<b>Economias avançadas</b>			
Área do Euro .....	0,5	0,7	1,3
Canadá .....	1,2	1,1	1,8
Estados Unidos .....	2,5	2,6	1,6
Japão .....	1,7	-0,1	1,4
Reino Unido .....	0,1	1,1	1,2
<b>Economias emergentes</b>			
Argentina .....	-1,6	-4,0	3,9
Brasil .....	2,9	2,9	2,6
China .....	5,2	4,9	4,5
Índia .....	8,2	6,7	6,8
Rússia .....	3,6	3,7	1,1

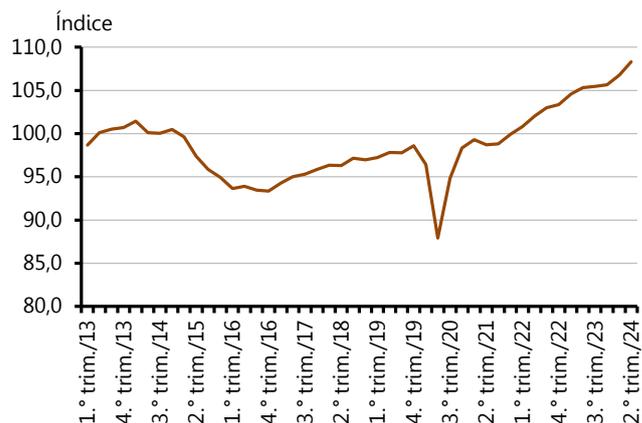
Fonte: OECD (2024a).

## 2 CENÁRIO INTERNO — BRASIL

### 2.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

Impulsionado pela expansão da demanda interna, o resultado do PIB brasileiro do 2.º trim./2024 superou as principais previsões, registrando a 12.ª alta seguida, sempre na comparação com o trimestre imediatamente anterior, na série com ajuste sazonal (na margem). A elevação de 1,4% foi a maior desde o 4.º trim./2020, período marcado pela retomada econômica após os impactos mais agudos da pandemia sobre a economia. Com tal resultado, o índice de volume do PIB renovou seu pico histórico, encontrando-se, no 2.º trim./2024, 6,8% acima do pico anterior, registrado no 1.º trim./2014, e 9,9% superior ao patamar observado no 4.º trim./2019, trimestre imediatamente anterior ao início dos efeitos da pandemia na economia brasileira (**Gráfico 2.1**).

**Gráfico 2.1 - Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil — 1.º trim./2013-2.º trim./2024**



Fonte dos dados brutos: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2024h).  
Nota: Os índices têm como base a média de 2013 = 100.

O crescimento de 1,4% do PIB brasileiro na margem foi influenciado, pelo lado da oferta, pelas expansões da indústria (1,8%) e dos serviços (1,0%) e pelo recuo da agropecuária (-2,3%) (**Tabela 2.1**). Na indústria, houve crescimento de três atividades: indústria de transformação (1,8%), eletricidade e gás, água, esgoto e gestão de resíduos (4,2%) e construção (3,5%). O único recuo ocorreu na indústria extrativa mineral (-4,4%). Nos serviços, todas as atividades apresentaram crescimento, destacando-se a intermediação financeira (2,0%), os serviços de informação e comunicação (1,7%) e o comércio (1,4%). Pelo lado da demanda, o grande destaque foi a expansão da Formação Bruta de Capital Fixo (2,1%), que vem mostrando um desempenho positivo após a queda no acumulado de 2023. O consumo

das famílias (1,3%) também cresceu, influenciado positivamente por um mercado de trabalho aquecido e pela expansão das transferências de renda, como os benefícios da Previdência e de assistência social, e o consumo do Governo (1,3%). A forte demanda interna contrastou com a redução das exportações líquidas — as exportações expandiram 1,4%, e as importações, 7,6% — principalmente devido ao aumento das importações, impulsionadas, em grande parte, pelo crescimento nas compras de máquinas e equipamentos.

**Tabela 2.1 - Variação percentual Produto Interno Bruto (PIB), pelas óticas da oferta e da demanda, do Brasil — períodos selecionados**

ATIVIDADES	2° TRIM/2024 1° TRIM/2024 <sup>(1)</sup>	2° TRIM/2024 2° TRIM/2023
<b>PIB</b> .....	1,4	3,3
<b>Ótica da oferta</b>		
Impostos .....	-	5,4
VAB .....	1,4	3,0
Agropecuária .....	-2,3	-2,9
Indústria .....	1,8	3,9
Serviços .....	1,0	3,5
<b>Ótica da demanda</b>		
Consumo das famílias .....	1,3	4,9
Consumo do Governo .....	1,3	3,1
Formação Bruta de Capital Fixo	2,1	5,7
Exportações .....	1,4	4,5
Importações .....	7,6	14,8

Fonte: Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2024h).

Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, a expansão do PIB foi de 3,3%, traduzindo, pelo lado da produção, os desempenhos positivos da indústria (3,9%) dos serviços (3,5%), mais que compensando a queda ocorrida na agropecuária (-2,9%), atividade impactada por problemas climáticos. A indústria apresentou alta nas quatro atividades, com eletricidade e gás, água, esgoto e gestão de resíduos (8,5%) e indústria de transformação (3,6%) apresentando as maiores contribuições. Nos serviços, também ocorreram expansões em todas as atividades, as principais sendo observadas nos serviços de informação e comunicação (6,1%), em outros serviços (4,5%), na intermediação financeira (4,0) e no comércio (4,0%). Pela ótica da demanda, os aumentos mais relevantes ocorreram na FBCF (5,7%) e no consumo das famílias (4,9%). Também nessa base de comparação, ocorreu queda das exportações líquidas, novamente pelo aumento expressivo das importações (14,8%).

Na análise dos dados conjunturais mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nota-se que as atividades da indústria de transformação, do comércio varejista ampliado e dos serviços mantiveram

o movimento ascendente dos últimos meses (**Gráfico 2.2**). Apesar de apresentaram quedas na margem, em agosto, as três atividades tiveram expansão no trimestre de junho a agosto sobre os três meses imediatamente anteriores.

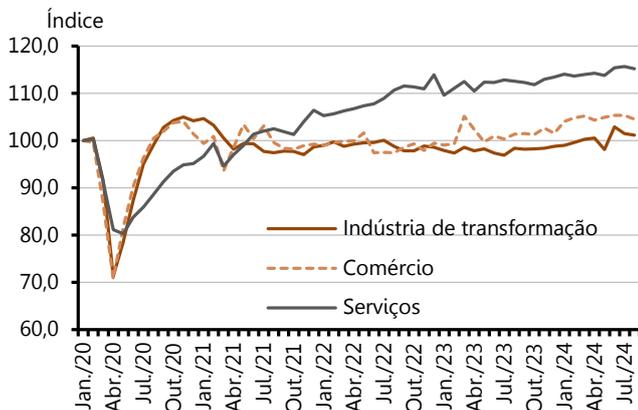
A indústria de transformação apresentou avanços consecutivos na margem entre outubro de 2023 e abril de 2024. Em maio, em função, principalmente, dos impactos das enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul sobre a produção industrial local, a atividade nacional apresentou recuo. Em junho, a produção foi mais do que recuperada, alcançando o maior patamar desde fevereiro de 2021. Já nos dois meses seguintes, a produção industrial passou por uma acomodação, com duas quedas na margem. Mesmo assim, no trimestre de junho a agosto, a produção da indústria nacional apresentou crescimento de 2,2% sobre os três meses imediatamente anteriores, na série com ajuste sazonal, e de 4,2% na relação com o mesmo trimestre de 2023. Nessa comparação interanual, o crescimento da produção foi amplamente difundido entre as atividades. Das 24 pesquisadas pelo IBGE, ocorreu expansão em 21 delas, com destaque para equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos (18,2%), móveis (16,0%) e veículos automotores, reboques e carrocerias (15,2%).

O comércio varejista ampliado apresentou, de modo geral, o mesmo desempenho da indústria de transformação: expansão praticamente ininterrupta desde meados de 2023 e pequeno recuo na margem. Apesar do aumento das importações, o crescimento do consumo das famílias redundou em vendas aquecidas no comércio, que não foram prejudicadas pelas enchentes ocorridas no Rio Grande do Sul. De junho a agosto, a expansão, na margem, foi de 0,2%, mas, na comparação interanual, a variação foi de 4,2%. As atividades que apresentaram as maiores variações nas vendas foram artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos (15,6%), veículos, motocicletas, partes e peças (11,7%) e móveis e eletrodomésticos (7,1%).

Os serviços apresentaram desempenho parecido com o da indústria e o do comércio, embora com taxas menores de crescimento. Para tanto, teve influência o significativo recuo no volume de serviços do Rio Grande do Sul a partir de maio, resultado direto dos efeitos das enchentes. No trimestre de junho a agosto, os serviços do Brasil cresceram 1,2% na margem e 2,5% na comparação interanual. Destaque para as altas observadas nos serviços de informação e comunicação

(6,8%) e serviços profissionais, administrativos e complementares (5,8%). A única queda ocorreu em transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-2,4%).

**Gráfico 2.2 - Produção da indústria de transformação, volume de vendas do comércio varejista ampliado e volume de serviços, com ajuste sazonal, no Brasil — jan./2020-ago./2024**

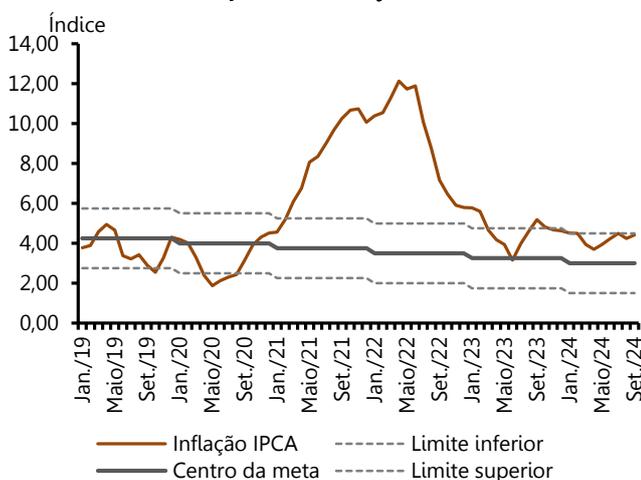


Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (IBGE, 2024d).  
Pesquisa Mensal do Comércio (IBGE, 2024e).  
Pesquisa Mensal dos Serviços (IBGE, 2024f).  
Nota: Os índices têm como base jan./2020 = 100.

## 2.2 INFLAÇÃO, JUROS E CONTAS PÚBLICAS

Em setembro de 2024, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), variou 0,44%, fazendo com que, no acumulado em 12 meses, a inflação atingisse elevação de 4,42%, valor levemente inferior ao teto da meta (Gráfico 2.3). Na abertura por grupos, as maiores altas foram verificadas nos gastos das famílias em educação (6,91%), saúde e cuidados pessoais (6,14%) e alimentação e bebidas (5,86%).

**Gráfico 2.3 - Variação percentual do Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulado em 12 meses e metas de inflação no Brasil — jan./2019-set./2024**



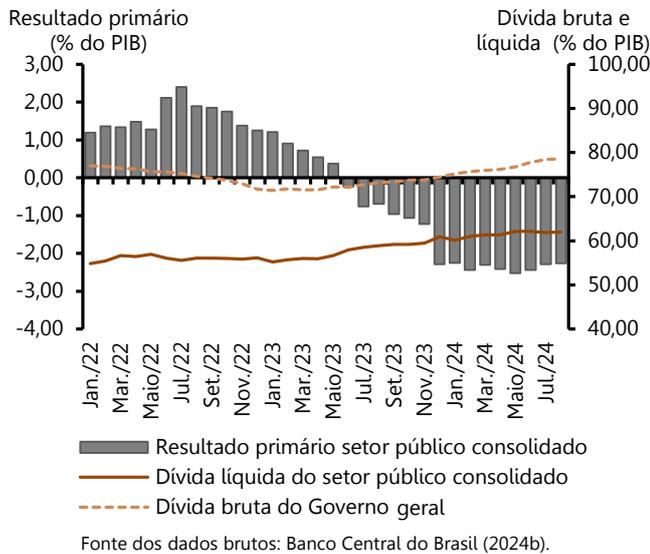
Fonte dos dados brutos: IBGE (2024a).  
Banco Central do Brasil (2024b).

Em sua última reunião, em 18 de setembro, o Comitê de Política Econômica (Copom) do Banco Central do Brasil (BCB) elevou a taxa básica de juros em 0,25 ponto percentual (p.p.), para 10,75% ao ano, iniciando um ciclo de aperto monetário, cujo objetivo é fazer convergir a inflação à meta. Segundo o comunicado, divulgado no próprio dia da reunião do colegiado, o Copom avaliou que há uma maior preponderância de riscos altistas para a inflação futura, relacionados à desancoragem das expectativas e à pressão sobre os preços dos serviços em função de indicadores de atividade econômica e do mercado de trabalho com dinamismo maior que o esperado. Além da questão interna, o Copom também identificou o setor externo como possível fonte de pressão sobre a inflação doméstica, basicamente a partir das mudanças pelas quais a política monetária dos Estados Unidos vem passando. Por fim, o Comitê reafirmou o papel da política fiscal na ancoragem das expectativas, via sustentabilidade da dívida pública.

Nesse campo, o resultado primário do setor público consolidado acumulado em 12 meses apresentou, desde maio, uma leve melhora, quando registrou um déficit de 2,26% do PIB, uma queda de 0,26 p.p. em relação ao observado em maio (Gráfico 2.4). Essa melhora do indicador reflete o avanço maior da receita relativamente à despesa. De janeiro a agosto de 2024, a receita total do Governo central cresceu 8,8%, enquanto a despesa total expandiu 7,1%. Especificamente nas receitas administradas pela Receita Federal, o avanço foi de 11,8% nesse período, com destaque para as variações do imposto de importação (25,5%), do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) (36,9%), da Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) (21,4%) e do Programa de Integração Social/Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (PIS/Pasep) (22,4%).

A dívida líquida do setor público consolidado alcançou, em agosto, 62,02% do PIB, aumento de 3,10 p.p. em relação ao mesmo mês de 2023, mas queda de 0,14 p.p. na comparação com o mês de junho, quando a relação alcançou o maior valor desde 2002. Já a dívida bruta do Governo geral continuou elevando-se nos últimos meses, atingindo, em agosto, 78,55%, acréscimo de 5,36 p.p. em relação a agosto de 2023.

**Gráfico 2.4 - Resultado primário acumulado em 12 meses e estoques da dívida bruta e dívida líquida no Brasil — jan./2019-ago./2024**



## 2.3 EXPECTATIVAS DE INFLAÇÃO E CRESCIMENTO

A partir do cenário apresentando, as principais projeções para a inflação anual foram revistas para cima. Segundo o Relatório Focus do Banco Central, de 11 de outubro de 2024, a previsão dos agentes econômicos consultados é de crescimento de 4,39% em 2024, perto, portanto, do teto da meta, que é de 4,50% para o ano fechado. A previsão é praticamente igual à apresentada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) em sua Carta de Conjuntura do terceiro trimestre de 2024, de 4,40%.

Na mesma Carta, o IPEA projeta expansão de 3,3% do PIB em 2024, impulsionada pela demanda interna, notadamente pelos avanços do investimento e do consumo. Já o Relatório Focus prevê crescimento de 3,0%, 0,90 p.p. superior às previsões apresentadas três meses antes.

## 3 CENÁRIO INTERNO — RS

### 3.1 ATIVIDADE ECONÔMICA

Nos dias e nas semanas seguintes ao desastre climático ocorrido em maio, o cenário indicava um impacto significativo na economia do Rio Grande do Sul, tanto pela destruição de capital — como infraestrutura, fábricas e máquinas — quanto pelos efeitos negativos sobre a produção corrente. Em uma projeção sem medidas de apoio e de reconstrução, esperava-se uma queda significativa no volume do PIB do Estado, em comparação com aquele que era esperado antes das enchentes.

A mobilização da sociedade civil e a adoção rápida de políticas públicas de assistência às vítimas do desastre e às empresas afetadas, aliadas à própria resiliência da economia e à mudança no perfil de consumo, já mostrou os primeiros impactos positivos em alguns indicadores conjunturais de maio, especialmente no comércio. Em junho, os dados já revelavam uma retomada, ainda que parcial, com dados positivos no comércio e na indústria de transformação, bem como na movimentação econômica medida pela Secretaria da Fazenda do Estado (Sefaz-RS), que resultaria em maior arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) no mês seguinte. O setor de serviços, que não havia sentido o efeito em maio, apresentou recuo em junho, em um movimento distinto do das demais atividades. A agropecuária, apesar de perdas importantes, ainda apresentava uma safra muito superior à do ano anterior, marcada pela estiagem.

A divulgação do PIB trimestral do segundo trimestre do ano resumiu o impacto de curto prazo do desastre sobre a produção. E, embora a economia gaúcha tenha recuado em relação ao trimestre anterior, a queda não foi tão pronunciada quanto se projetava em um primeiro momento. A queda de 0,3% em relação ao primeiro trimestre do ano, já ajustada sazonalmente, foi determinada pela redução do Valor Adicionado da indústria (-2,4%), uma vez que os serviços apresentaram uma leve elevação (0,1%), e a agropecuária teve expansão de 5,3% no período. Com a queda na margem, o nível do volume do PIB gaúcho recuou em relação ao seu pico histórico, registrado no trimestre anterior (**Gráfico 3.1**). Mesmo assim, é o terceiro maior nível da série, sendo 5,5% superior ao observado no período anterior à pandemia, no 4.º trim./2019.

**Gráfico 3.1 - Índice do volume do Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul — 1.º trim./2013-2.º trim./2024**



Fonte: SPGG-RS/DEE (Rio Grande do Sul, 2024c).  
Contas Nacionais Trimestrais (IBGE, 2024h).  
Nota: 1. Os índices têm como base a média de 2013 = 100.  
2. Série com ajuste sazonal.

Ainda na comparação com o trimestre imediatamente anterior, o crescimento da agropecuária foi consequência direta da elevação da produção de soja, cuja maior parte da colheita é realizada no segundo trimestre do ano. A queda registrada na indústria teve origem nos desempenhos negativos da indústria de transformação (-2,7%), atividade mais impactada pelo desastre, e da produção de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana (-3,5%) (Tabela 3.1). De outro lado, apresentaram expansão a indústria extrativa mineral (2,1%) e a construção (2,4%), atividade impulsionada, principalmente, pelo movimento de reconstrução da infraestrutura de transporte afetada pelas enchentes. Nos serviços, desempenhos heterogêneos condicionaram a estabilidade na prática do setor. Dentre os avanços, destacam-se intermediação financeira e seguros (2,2%), serviços de informação (0,9%) e comércio (0,4%). As quedas mais relevantes ocorreram nos transportes, armazenagem e correio (-1,0%) e na administração pública (-0,9%).

**Tabela 3.1 - Variação do Produto Interno Bruto (PIB), dos impostos e do Valor Adicionado Bruto (VAB), total e por atividades, do Rio Grande do Sul — períodos selecionados**

ATIVIDADES	$\frac{2^{\circ} \text{ TRIM}/2024}{1^{\circ} \text{ TRIM}/2024}$ (1)	$\frac{2^{\circ} \text{ TRIM}/2024}{2^{\circ} \text{ TRIM}/2023}$
<b>PIB</b> .....	-0,3	4,6
Impostos .....	-	1,4
<b>VAB</b> .....	-0,3	5,1
Agropecuária .....	5,3	34,6
Indústria .....	-2,4	-1,7
Serviços .....	0,1	2,4

Fonte: SPGG-RS/DEE (Rio Grande do Sul, 2024c).  
(1) Com ajuste sazonal.

Em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, a economia gaúcha apresentou avanço de 4,6% no

2.º trim./2024. É importante salientar que o nível do PIB do 1.º trim./2024 estava em patamar elevado após os crescimentos consecutivos nos serviços e, principalmente, em razão da recuperação da produção agrícola após a estiagem de 2023. Com isso, mesmo com o recuo na margem, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior, o PIB do Estado apresentou elevação significativa. Nessa base de comparação, o principal destaque foi a agropecuária (34,6%), seguida do avanço de 2,4% dos serviços. A indústria, por outro lado, apresentou queda de 1,7%. O aumento da produção de soja, principal produto do período, impulsionou o Valor Adicionado do Setor Primário. Na indústria, a queda geral foi resultado da redução de 6,5% na indústria de transformação, já que as outras atividades tiveram crescimento, principalmente a de eletricidade e gás, água, esgoto e limpeza urbana. Em comparação com a estiagem do início de 2023, as chuvas de 2024 elevaram os níveis dos reservatórios das usinas hidrelétricas, resultando em um aumento de 174,8% na geração de energia dessa fonte no trimestre, em relação ao mesmo período do ano anterior. O crescimento de 2,4% dos serviços representou a 13.ª alta em sequência no Estado. Todas as sete atividades apresentaram crescimento, com destaque para o comércio (5,1%), os serviços de informação (3,9%) e outros serviços (3,7%).

Apesar dos impactos das enchentes na produção, o desempenho da agropecuária é considerado positivo, já que as quantidades colhidas de 2024 devem ser significativamente maiores do que as de 2023, um ano de estiagem. Isso evitou uma queda mais acentuada da economia gaúcha no segundo trimestre de 2024. No entanto, é importante destacar que a catástrofe climática de 2024 causou perdas relevantes: em comparação com as projeções do IBGE de abril, antes das enchentes, a previsão de produção em setembro mostrou quedas de 16,6% para a soja, 12,3% para o milho e 5,2% para o arroz. Em contrapartida, em relação à safra de 2023, as quantidades desses grãos apresentaram variações de 43,8% para a soja, 13,6% para o milho e -0,3% para o arroz (Tabela 3.2).

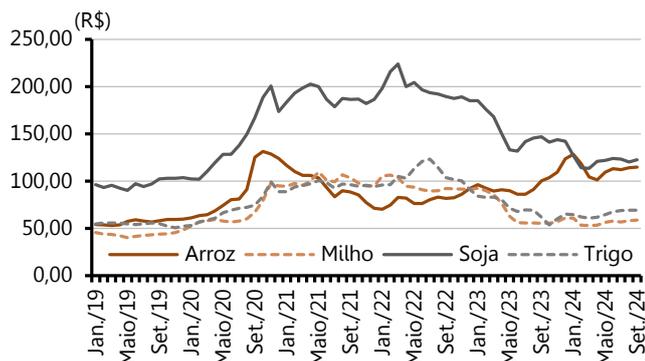
**Tabela 3.2 - Quantidades produzidas e variações dos principais grãos do Rio Grande do Sul — 2023-24**

PRODUTOS	QUANTIDADE PRODUZIDA		VARI- ÇÃO %
	2023	2024 (1)	
Arroz .....	7.109.123	7.109.839	0,0
Milho .....	3.960.378	4.511.181	13,9
Soja .....	12.693.487	18.264.889	43,9
Trigo .....	2.620.493	4.358.117	66,3

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) (IBGE, 2024b).  
(1) Estimativa.

Se a safra de 2024 será maior que a de 2023, o mesmo não pode ser dito dos preços dos principais grãos plantados no Estado. Na média de janeiro a setembro, os preços reais do milho, da soja e do trigo caíram 19,4%, 21,1% e 12,2%, respectivamente, em relação ao mesmo período do ano anterior. Somente os preços do arroz cresceram, 23,5% (Gráfico 3.2).

**Gráfico 3.2 - Evolução dos preços reais do arroz, milho, soja e trigo no Rio Grande do Sul — jan./2019-set./2024**

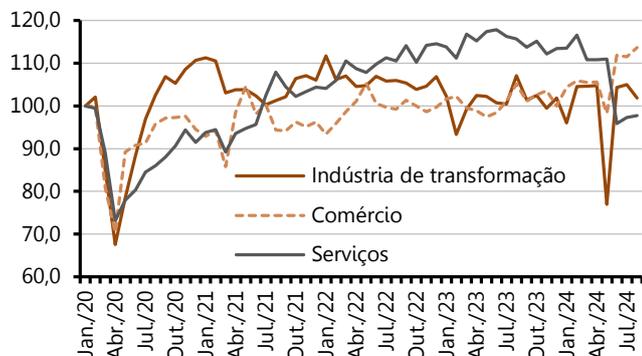


Fonte: Emater-RS (2024).

Nota: Valores constantes a preços de set./2024, corrigidos pelo IPCA.

Os dados mensais dos indicadores da indústria de transformação, do comércio varejista ampliado e dos serviços revelam três trajetórias distintas: o comércio registrou queda em maio, seguida de uma rápida retomada nos meses seguintes; a indústria de transformação apresentou um recuo significativo em maio, com recuperação em junho e julho, voltando a oscilar negativamente em agosto; por fim, o setor de serviços não caiu em maio, mas sim em junho, e não conseguiu recuperar-se totalmente nos meses subsequentes (Gráfico 3.3).

**Gráfico 3.3 - Índice da produção física da indústria de transformação, do volume de vendas do comércio varejista ampliado e do volume dos serviços do Rio Grande do Sul — jan./2020-ago./2024**



Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF) (IBGE, 2024d).

Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) (IBGE, 2024e).

Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) (IBGE, 2024f).

Nota: 1. Os índices têm como base jan./2020 = 100.

2. Série com ajuste sazonal.

Em maio, a indústria de transformação foi a atividade mais impactada pelos efeitos das enchentes, apresentando queda de 26,5% em relação a abril. Porém sua retomada foi rápida, praticamente recuperando, em junho, o nível de produção registrado em abril, mês anterior à ocorrência do evento climático. Em julho, avançou 0,6% sobre o mês anterior. Essa retomada coincidiu com o aumento da Utilização da Capacidade Instalada (UCI), indicador medido pela Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (FIERGS). Isso significou que a indústria teve que usar sua capacidade de produção de forma mais intensa, já que parte dos bens de capital havia sido destruída, para atender ao aumento da demanda interna no Estado, impulsionada pela injeção de recursos públicos destinados ao apoio e à reconstrução, bem como pela demanda nacional, cujo desempenho positivo foi abordado na seção sobre o Brasil neste boletim. O dado de julho da UCI alcançou 83,4%, 2,2 p.p. acima do observado em abril e 6,0 p.p. superior ao de julho de 2023. Em agosto, a produção industrial oscilou negativamente 3,0% em relação ao mês anterior, ao mesmo tempo em que a UCI também diminuiu para 80,9%. No acumulado dos últimos três meses — junho, julho e agosto —, a produção industrial do Estado expandiu 0,6% na comparação com igual período de 2023. Das 14 atividades pesquisadas pelo IBGE, houve crescimento em nove delas, destacando-se a metalurgia (33,7%) e a fabricação de móveis (20,3%), de veículos automotores, reboques e carrocerias (18,5%) e de produtos químicos (12,1%). As principais quedas ocorreram nas atividades de máquinas e equipamentos (-19,7%), produtos do fumo (-17,4%) e de bebidas (-14,4%).

As vendas do comércio varejista ampliado caíram 7,0% em maio sobre abril, mas, nos meses subsequentes, apresentaram desempenhos bastante positivos, mais do que recuperando a perda ocasionada pelo desastre climático. O nível das vendas de agosto, quando o índice registrou o maior patamar da série histórica, encontrava-se 7,6% acima do observado em abril. No acumulado de junho a agosto, o comércio do Estado cresceu 11,2% em relação ao mesmo trimestre de 2023. Uma parte significativa dessa expansão pode ser atribuída à mudança do perfil de consumo de curto prazo, direcionado para bens de reposição, como móveis, eletrodomésticos e materiais de construção. O aumento do consumo foi impulsionado tanto pelas transferências de recursos públicos para as famílias afetadas pelas enchentes, quanto pelo uso de recursos de poupanças

privadas e pela tomada de crédito. Ainda na comparação trimestral, a elevação das vendas foi bastante difundida, com 10 das 11 atividades registrando expansão. As maiores altas foram verificadas nas vendas de equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação (25,1%), móveis e eletrodomésticos (23,8%), veículos, motocicletas, partes e peças (16,7%) e material de construção (15,9%).

O setor de serviços é o que vem apresentando as maiores dificuldades de recuperação após os eventos climáticos de maio. De maneira defasada, o volume dos serviços retraiu apenas em junho, mas, desde então, não conseguiu recuperar o nível alcançado em abril. Em comparação com esse mês, o patamar de agosto encontra-se 11,8% abaixo. No acumulado do trimestre móvel de junho a agosto, sobre o mesmo período do ano anterior, o volume do setor apresentou retração de 16,4%. Das cinco atividades, três tiveram queda no período: transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-33,4%), serviços profissionais, administrativos e complementares (-13,0%) e serviços prestados às famílias (-9,5%). Cresceram os serviços de informação e comunicação (4,8%) e outros serviços (4,5%). A Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), do IBGE, possui um indicador específico para as atividades turísticas. Esse ramo da economia foi imensamente impactado pelas enchentes, principalmente pela interrupção do aeroporto de Porto Alegre, pois parcela importante dos visitantes de fora do Estado usam essa via para chegar ao RS. Embora o volume dos serviços turísticos tenha crescido depois da queda de maio, o patamar de agosto ainda se encontra 10,7% inferior ao registrado em abril.

### 3.2 SETOR EXTERNO

De janeiro a setembro de 2024, o valor das exportações do Rio Grande do Sul alcançou US\$ 15,350 bilhões, uma queda de 6,9% na comparação com o mesmo período de 2023. Houve recuo tanto dos produtos agropecuários, quanto dos bens industriais. Neste último agregado, destacam-se negativamente as diminuições de valores ocorridas das atividades de produtos alimentícios (-16,8%), de veículos automotores, reboques e carrocerias (-13,6%) e de máquinas e equipamentos (-13,0%). Positivamente, destaque para os avanços dos valores exportados pelas atividades de derivados de petróleo (18,1%) e de celulose e papel (9,5%) (Tabela 3.3).

**Tabela 3.3 - Valor das exportações, total e por atividades econômicas, e variações em relação ao mesmo período do ano anterior no Rio Grande do Sul — 2023-24**

ATIVIDADES	VALOR (US\$ milhão)		VARI- ÇÃO %
	Jan.- Set./23	Jan.- Set./24	
Produtos agropecuários .....	3.893,2	3.664,0	-5,9
Produtos alimentícios .....	4.339,0	3.609,1	-16,8
Produtos do fumo .....	1.737,2	1.802,8	3,8
Produtos químicos .....	962,0	979,7	1,8
Máquinas e equipamentos .....	1.041,1	906,1	-13,0
Celulose e papel .....	755,9	827,8	9,5
Veículos automotores, carroce- rias e reboques .....	813,8	703,0	-13,6
Couros e calçados .....	721,3	701,8	-2,7
Produtos de metal .....	524,0	501,1	-4,4
Derivados de petróleo .....	224,4	264,9	18,1
Outros produtos .....	1.468,8	1.389,8	-5,4
<b>VALOR TOTAL .....</b>	<b>16.480,8</b>	<b>15.349,9</b>	<b>-6,9</b>

Fonte: ComexStat (Brasil, 2024a).

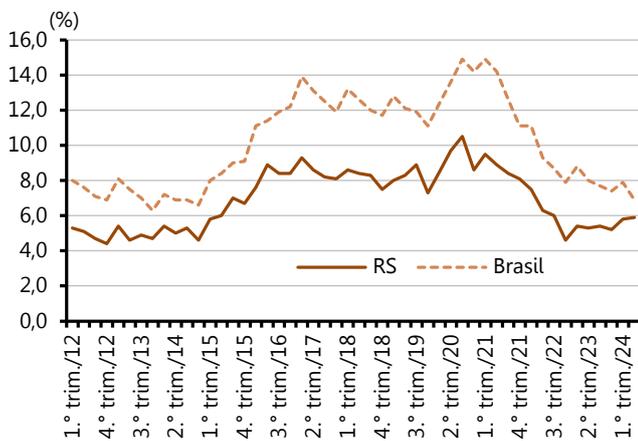
Por destino, China, União Europeia e Estados Unidos permaneceram como os principais compradores das exportações do Estado entre janeiro e setembro. Dos três, no entanto, apenas o valor das vendas para o primeiro aumentou no período, enquanto União Europeia e Estados Unidos diminuíram os valores comprados do Estado. O valor das vendas para a Argentina, quarto principal comprador do Estado, principalmente de produtos industriais, recuou 12,6% em relação ao mesmo período de 2023.

### 3.3 MERCADO DE TRABALHO

No segundo trimestre de 2024, os dados de ocupação e desocupação apresentaram estabilidade, enquanto os indicadores de rendimento mostraram expansão no Rio Grande do Sul. Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua), o número total de ocupados no Rio Grande do Sul foi de 5 milhões e 862 mil pessoas na média dos meses de abril, maio e junho, montante considerado estável pelo IBGE, tanto em relação ao trimestre imediatamente anterior, quanto na comparação com o mesmo trimestre de 2023. A taxa de desocupação do período foi de 5,9%, também estável em relação aos trimestres de comparação (Gráfico 3.4). Nesse mesmo período, o Brasil registrou uma taxa de 6,9%, fazendo com que a diferença — absoluta e relativa — entre a taxa gaúcha e a nacional fosse a menor já registrada desde o começo da série histórica, no primeiro trimestre de 2012. No Gráfico 3.4, percebe-se que a diminuição da diferença ocorreu com maior intensidade

a partir do começo de 2023. Desde o 1.º trim./2023, em função da estiagem — em 2023 — e dos efeitos do desastre climático em 2024, a economia gaúcha vem apresentando um desempenho inferior ao nacional, com reflexos sobre o mercado de trabalho. De outro lado, o rendimento médio real mensal habitual de todos os trabalhos das pessoas ocupadas alcançou R\$ 3.599 no 2.º trim./2024, valor 5,0% superior ao registrado no trimestre imediatamente anterior e 8,9% maior que o do mesmo trimestre de 2023. Em função disso, já que a ocupação permaneceu estável, a massa real de rendimentos cresceu 4,2% e 8,7% nas mesmas bases de comparação, respectivamente.

**Gráfico 3.4 - Taxa de desocupação no Rio Grande do Sul e no Brasil — 1.º trim./2012-2.º trim./2024**

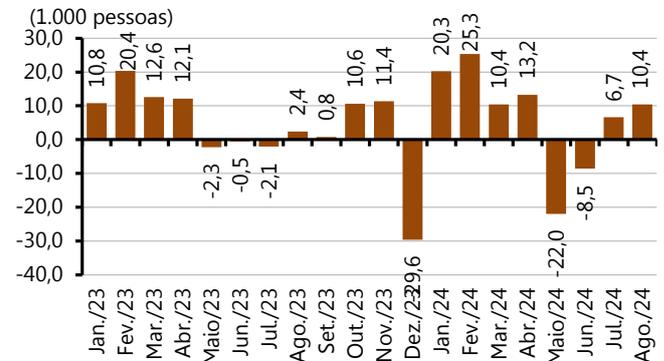


Fonte: PNAD Contínua (IBGE, 2024g).

No mercado formal, os dados do Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Novo Caged) mostraram uma retomada da criação de empregos nos meses de julho e agosto, na sequência da própria recuperação da economia após os efeitos mais agudos das enchentes sobre a produção. A perda absoluta de 30.519 empregos em maio e junho não foi, no entanto, totalmente compensada a partir dos saldos positivos dos dois meses seguintes, quando foram criados 17.095 novas vagas de emprego formal no Estado (**Gráfico 3.5**). Na soma do período de maio a agosto houve, portanto, a perda de 13.424 vagas. Por atividade, foram observados saldos negativos na agropecuária (-6.427 vagas), na indústria (-9.533) e no comércio (-4.137), ao passo que a construção (5.315) e os serviços (3.846) registraram saldos positivos no período. É importante salientar que nem todos os empregos perdidos tiveram como causa os impactos das enchentes. Também contribuíram para o saldo negativo nesse quadrimestre as demissões sazonais, principalmente nas atividades industriais do fumo no Vale do Rio Pardo e na agrope-

cuária, especialmente na colheita da maçã na região de Vacaria.

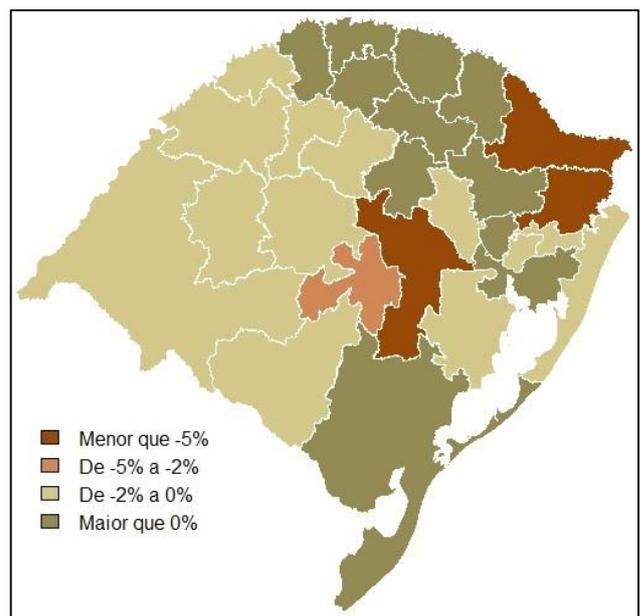
**Gráfico 3.5 - Saldo entre admitidos e desligados no emprego formal do Rio Grande do Sul — jan./2023-ago./2024**



Fonte: Novo Caged (Brasil, 2024b).

Em relação ao estoque de empregos de abril de 2024, a redução de 13.424 vagas entre maio e agosto representou um recuo de 0,5%. Regionalmente, 17 das 28 regiões dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Estado apresentaram variações negativas no período (**Figura 3.1**). As maiores retrações ocorreram nos Coredes Campos de Cima da Serra (-8,0%), Vale do Rio Pardo (-7,7%), Hortênsias (-6,7%) e Jacuí-Centro (-3,4%). Entre os Coredes que apresentaram saldo positivo na geração de empregos, as maiores altas relativas foram observadas no Alto da Serra do Botucaraí (2,1%), Médio Alto Uruguai (1,6%) e Produção (1,1%).

**Figura 3.1 - Variação do saldo de maio a agosto de 2024 entre admitidos e desligados sobre o estoque de abril de 2024 no emprego formal nos Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) do Rio Grande do Sul**



Fonte: Novo Caged (Brasil, 2024b).

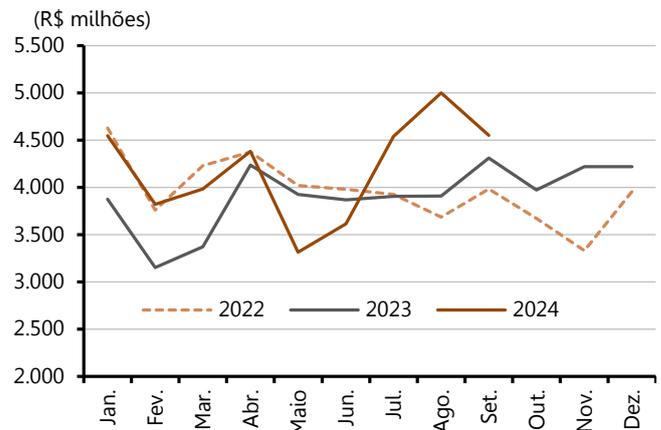
Entre os 497 municípios gaúchos, houve variação negativa em 265, variação nula em 10, e positiva em 222 deles. Nos 19 municípios com mais de 100 mil habitantes, houve queda em sete deles, destacando-se os recuos verificados em Santa Cruz do Sul (-7,5%), Canoas (-1,3%) e Uruguaiana (-0,7%). Positivamente, os destaques desse grupo foram Rio Grande (2,9%), Cachoeirinha (2,4%) e Gravataí (1,8%). Entre os 56 municípios com população entre 30 mil e 100 mil, as maiores quedas foram observadas em Venâncio Aires (-17,0%), Gramado (-9,1%), Santa Vitória do Palmar (-7,5%), Vacaria (-5,9%) e Canela (-4,6%).

Em relação ao período de 12 meses até agosto de 2024, o saldo entre admitidos e desligados no mercado formal de trabalho do Estado foi de 48.959 empregos (Gráfico 3.5). Esse saldo dividiu-se da seguinte forma entre as atividades econômicas: serviços (34.399), comércio (9.474), construção (5.315), indústria (-52) e agropecuária (-177).

### 3.4 ARRECAÇÃO DE ICMS

A evolução dos valores mensais da arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços no Rio Grande do Sul mostrou, ao longo do ano, três momentos distintos: no primeiro, de janeiro a abril, a arrecadação apresentou um bom desempenho, com crescimento real de 14,3% em relação ao mesmo período de 2023; em maio e junho, na sequência dos impactos do desastre climático sobre a economia gaúcha, o valor do ICMS, sempre a preços constantes de setembro de 2024, recuou 11,1% na comparação com igual bimestre do ano anterior; e, nos três meses seguintes, na esteira da retomada da produção após o período de maior agudeza dos efeitos das enchentes, o valor arrecadado cresceu 16,2% (Gráfico 3.6). Na soma dos cinco meses posteriores ao desastre, de maio e setembro, a arrecadação avançou 5,5%, com as maiores contribuições vindo dos acréscimos dos valores arrecadados nas atividades da indústria de transformação (9,3%) e do comércio (4,6%). Finalmente, no acumulado do ano, a arrecadação de ICMS apresentou o valor de R\$ 37,752 bilhões, expansão de 9,2% em relação aos mesmos meses de 2023. Na desagregação por atividade, houve crescimento na indústria de transformação (13,2%), em outras indústrias (13,1%) e no comércio (5,8%), enquanto a agropecuária (-0,4%), os serviços de informação e comunicação (-3,5%) e os outros serviços (-5,7%) apresentaram recuo.

**Gráfico 3.6 - Arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICMS) no Rio Grande do Sul — 2022-24**



Fonte: Sefaz-RS/Dados Abertos (Rio Grande do Sul, 2024b).  
Nota: Valores constantes a preços de jun./2024, corrigidos pelo IPCA.

### 3.5 PERSPECTIVAS

Embora ainda heterogênea, a recuperação da economia gaúcha está em andamento. Nesse cenário, o comércio tem sido a atividade de maior destaque, estimulado pelo aumento do consumo a partir das transferências de recursos públicos às famílias e pela necessidade de recomposição de bens de primeira necessidade perdidos ou danificados pela enchente, como móveis, eletrodomésticos e veículos automotores. Em algum momento, no entanto, os estímulos diretos ao consumo devem perder força, na medida em que as políticas públicas alterem seu foco principal da transferência de recursos às famílias para as obras de reconstrução de infraestrutura e de ativos de capital. Tais investimentos terão impacto direto em atividades como a construção, e indiretos sobre a indústria, o comércio e os serviços. De maneira geral, o consumo poderá permanecer aquecido em decorrência dos aumentos da renda do trabalho, questão analisada em seção anterior deste boletim.

As perspectivas para a indústria de transformação são incertas, parte em razão dos impactos do desastre climático sobre o estoque de capital das empresas, parte em função da própria dinâmica recente do setor, que vem enfrentando algumas dificuldades, como a queda das exportações e a retração da produção de máquinas e equipamentos, atividade de maior representatividade na estrutura industrial do Estado. Os serviços deverão continuar recuperando-se, estimulados pela volta, no final de outubro, da operação do aeroporto de Porto Alegre.

De maneira mais concreta, os dados do Boletim Econômico-Tributário da Sefaz-RS de outubro revelam um crescimento de 7,2% do volume de vendas da indústria em setembro, na comparação com o mesmo mês de 2023. Pelo lado da agropecuária, a previsão de setembro do IBGE mostra um crescimento de 66,7% na quantidade produzida de trigo, o que deve alavancar o setor nos últimos meses do ano.

Passados os dois primeiros trimestres do ano, período marcado pela expansão da agropecuária de um lado e pelos impactos negativos do desastre climático de outro, o carregamento estatístico (*carry-over*) do PIB Trimestral do Estado é de 4,5%. Isso significa que, se a economia gaúcha se mantiver estável no terceiro e no quarto trimestre de 2024, o PIB estadual terá um crescimento de 4,5% no acumulado do ano. Esse valor não é uma projeção, mas apenas uma representação do cenário atual, mostrando o impacto do crescimento do primeiro semestre sobre o desempenho anual.

Se esse valor for usado como referência para o ano, pode-se concluir que o desempenho da economia gaúcha em 2024 seria melhor do que o previsto logo após os eventos climáticos de maio, mas ainda inferior à média das projeções feitas no final de 2023 pela Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul), pela Federação de Entidades Empresariais do Rio Grande do Sul (Federasul) e pela Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS). Em outras palavras, embora os dados recentes mostrem uma recuperação da economia gaúcha, é importante lembrar que os efeitos das enchentes tiveram impactos significativos sobre a produção do Estado.

## PRINCIPAIS INDICADORES MENSAIS

Tabela A.1 - Principais indicadores econômicos do Rio Grande do Sul e do Brasil — abr./2024-set./2024

	(%)					
DISCRIMINAÇÃO	ABR/24	MAIO/24	JUN/24	JUL/24	AGO/24	SET/24
<b>Indústria de transformação</b>						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,2	-26,5	35,5	0,6	-3,0	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	11,6	-23,2	-0,6	8,2	-5,2	-
Acumulado em 12 meses .....	-0,8	-2,8	-2,5	-1,3	-2,0	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,3	-2,4	4,9	-1,4	-0,3	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	10,2	-1,4	3,6	7,3	1,7	-
Acumulado em 12 meses .....	0,5	0,4	0,8	1,7	1,9	-
<b>Comércio varejista ampliado</b>						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,1	-7,0	13,9	-0,4	1,9	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	9,7	-0,2	11,5	13,5	8,8	-
Acumulado em 12 meses .....	2,5	2,9	4,0	5,0	5,3	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	-0,9	0,6	0,4	0,0	-0,8	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	5,0	4,9	2,1	7,3	3,1	-
Acumulado em 12 meses .....	3,2	3,6	3,4	3,8	3,7	-
<b>Serviços</b>						
Rio Grande do Sul						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,0	0,1	-13,6	1,5	0,5	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	-2,4	-5,9	-19,4	-14,1	-15,7	-
Acumulado em 12 meses .....	2,1	0,7	-1,6	-3,2	-4,9	-
Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,2	-0,4	1,4	0,2	-0,4	-
Taxa de variação contra o mesmo mês do ano anterior	6,0	0,8	1,8	4,0	1,7	-
Acumulado em 12 meses .....	2,4	2,1	1,9	1,9	1,9	-
<b>Preços</b>						
IPCA-Região Metropolitana de Porto Alegre .....						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,64	0,87	-0,14	0,36	0,18	0,39
Acumulado em 12 meses .....	3,02	3,83	3,71	3,53	3,47	3,69
IPCA-Brasil						
Taxa de variação contra o mês imediatamente anterior	0,38	0,46	0,21	0,38	-0,02	0,44
Acumulado em 12 meses .....	3,69	3,93	4,23	4,50	4,24	4,42

Fonte dos dados brutos: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IBGE, 2024a).  
 Pesquisa Industrial Mensal (PIM) (IBGE, 2024d).  
 Pesquisa Mensal do Comércio (PMC) (IBGE, 2024e).  
 Pesquisa Mensal dos Serviços (PMS) (IBGE, 2024f).

## REFERÊNCIAS

---

AMITRANO, C. R.; MORA Y ARAUJO, M.; DOS SANTOS, C. H. M. Visão Geral da Conjuntura. **Carta de Conjuntura (IPEA)**, Brasília, DF, n. 64, nota 22, 3.º trim. 2024. Disponível em:  
[https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2024/09/240930\\_cc\\_64\\_nota\\_22\\_1.pdf](https://www.ipea.gov.br/cartadeconjuntura/wp-content/uploads/2024/09/240930_cc_64_nota_22_1.pdf)  
f. Acesso em: 07 out. 2024.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema de Expectativas de Mercado**. Brasília, DF: BCB, 2024a. Disponível em:  
<https://www3.bcb.gov.br/expectativas/publico/consulta/serieestatisticas>. Acesso em: 09 out. 2024.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Sistema Gerenciador de Séries Temporais - v2.1**. Brasília, DF: BCB, 2024b. Disponível em:  
<https://www3.bcb.gov.br/sgspub/localizarseries/localizarSeries.do?method=prepararTelaLocalizarSeries>. Acesso em: 09 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Comércio Exterior e Assuntos Internacionais. **COMEX STAT**. Brasília, DF: Ministério da Economia, 2024a. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br/pt/home>. Acesso em: 09 out. 2024.

BRASIL. Ministério da Economia. Secretaria Especial de Previdência e Trabalho. **Painel de informações do Novo Caged**: agosto 2024. Brasília, DF: Secretaria Especial de Previdência e Trabalho, 2024b. Disponível em:  
<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrljoiNW15NW10ODEtYmZiYy00Mjg3LTkzNWUtY2UyYjIwMDE1YW12liwidCI6IjNlYzkyOTY5LTVhNTEtNGYxOC04YW51LWVmOThmYmFmYTtk3OCJ9>. Acesso em: 09 out. 2024.

EMATER/RS. **Cotações agropecuárias**. Porto Alegre: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Rio Grande do Sul, 2024. Disponível em:  
[http://www.emater.tche.br/site/info-agro/precos\\_semanais.php#.YMq1lahKJIU](http://www.emater.tche.br/site/info-agro/precos_semanais.php#.YMq1lahKJIU). Acesso em: 09 out. 2024.

FECOMÉRCIO RS. **Intenção de consumo das famílias gaúchas**. Porto Alegre: Federação do Comércio de Bens e de Serviços do Estado do Rio Grande do Sul, 2024. Disponível em: <https://www.fecomercio-rs.org.br/documentos/publicacoes>. Acesso em: 11 out. 2024.

FIERGS. **Índice de confiança do empresário industrial**. Porto Alegre: Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul, 2024. Disponível em:  
<https://www.fiergs.org.br/numeros-da-industria/indice-de-confianca-do-empresario-industrial>. Acesso em: 11 out. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024a. Disponível em:  
<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/7060>. Acesso em: 11 out. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024b. Disponível em:  
<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/lspa/tabelas>. Acesso em: 11 out. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Pesquisa Agrícola Municipal**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024c. Disponível em:  
<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pam/tabelas>. Acesso em: 11 out. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física Regional**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024d. Disponível em:  
<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pim-pf-regional/tabelas>. Acesso em: 11 out. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Pesquisa Mensal de Comércio**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024e. Disponível em:  
<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pmc/tabelas>. Acesso em: 11 out. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática: Pesquisa Mensal de Serviços**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024f. Disponível em:  
<https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/pms/tabelas>. Acesso em: 11 out. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua - Divulgação Trimestral — 1.º trimestre de 2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2024g. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/pnadct/brasil>. Acesso em: 11 out. 2024.

IBGE. **Sistema IBGE de Recuperação Automática:** Sistema de Contas Nacionais Trimestrais – referência 2010 – 1º trimestre 2024. Rio de Janeiro: IBGE, 2024h. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/cnt/brasil>. Acesso em: 11 out. 2024.

OECD. **OECD economic outlook, interim report:** turning the corner, n.º 115. Paris: OECD Publishing, set, 2024a. Disponível em: [https://www.oecd.org/en/publications/oecd-economic-outlook-interim-report-september-2024\\_1517c196-en.html](https://www.oecd.org/en/publications/oecd-economic-outlook-interim-report-september-2024_1517c196-en.html). Acesso em: 07 out. 2024.

OECD. **Quarterly GDP.** 2024b. Disponível em: <https://stats.oecd.org/>. Acesso em: 07 out. 2024.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Fazenda. **Boletim econômico-tributário.** Porto Alegre: SEFAZ, Edição n.º 11, 2024a. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/upload/arquivos/202410/2024-10-10-boletim-economico-tributario-receita-estadual-enchentes-2024-edicao-n-11.pdf>. Acesso em: 15 out. 2024.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Fazenda. **Receita dados.** Porto Alegre: SEFAZ, 2024b. Disponível em: <http://receitadados.fazenda.rs.gov.br/paineis/arrecadacao/>. Acesso em: 07 out. 2024.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria do Planejamento, Governança e Gestão. Departamento de Economia e Estatística. **PIB RS trimestral.** Porto Alegre: SPGG/DEE, 2024c. Disponível em: <https://dee.rs.gov.br/pib-trimestral>. Acesso em: 07 out. 2024.

WORLD BANK. **World Bank commodity price data.** Washington, DC: World Bank, out. 2024. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/research/commodity-markets>. Acesso em: 07 out. 2024.



GOVERNO DO ESTADO  
RIO GRANDE DO SUL